

ECONOMIA

Uma enxurrada de carros argentinos

Mercado brasileiro é destino de 95% das exportações de veículos feitas pelo país vizinho

Flávio Ribeiro de Castro

Correspondente • BUENOS AIRES

A indústria automobilística da Argentina não pára de crescer e de bater recordes. Graças, sobretudo, a um grupo muito especial de clientes: os brasileiros. Nada menos que 95% das exportações argentinas de veículos vão para o Brasil. Além disso, a venda de veículos para o mercado brasileiro tem aumentado num ritmo bem mais acelerado que as vendas na Argentina. Montadoras estrangeiras estão decidindo se instalar na Argentina para garantir seu acesso ao mercado brasileiro, aproveitando-se das facilidades existentes dentro do Mercosul.

Para este ano, a expectativa é de que a indústria argentina fabrique cerca de 410 mil veículos, o que representa um crescimento de 30% em relação a 1996. Este é o maior nível de produção de toda a História da indústria automobilística do país. As exportações, ao mesmo tempo, devem aumentar mais de 80%, alcançando 200 mil veículos, contra um incremento de apenas 12% nas vendas internas.

— No ano que vem, com a entrada em atividade de várias novas fábricas, vamos exportar 400 mil unidades — prevê o secretário de Indústria e Comércio, Alieto Guadagni.

Montadoras cresceram mais que outros setores da indústria

Apesar do entusiasmo de Guadagni, o número é considerado demasiado otimista por fontes da indústria automobilística. Ainda assim, o desempenho do setor não pára de surpreender. Dados da Associação de Fábricas de Automotores (Adefa) mostram que somente em setembro a produção cresceu 65,1% em relação ao mesmo período de 1996. Isso sem falar nas exportações, que saltaram nada menos que 165,7%.

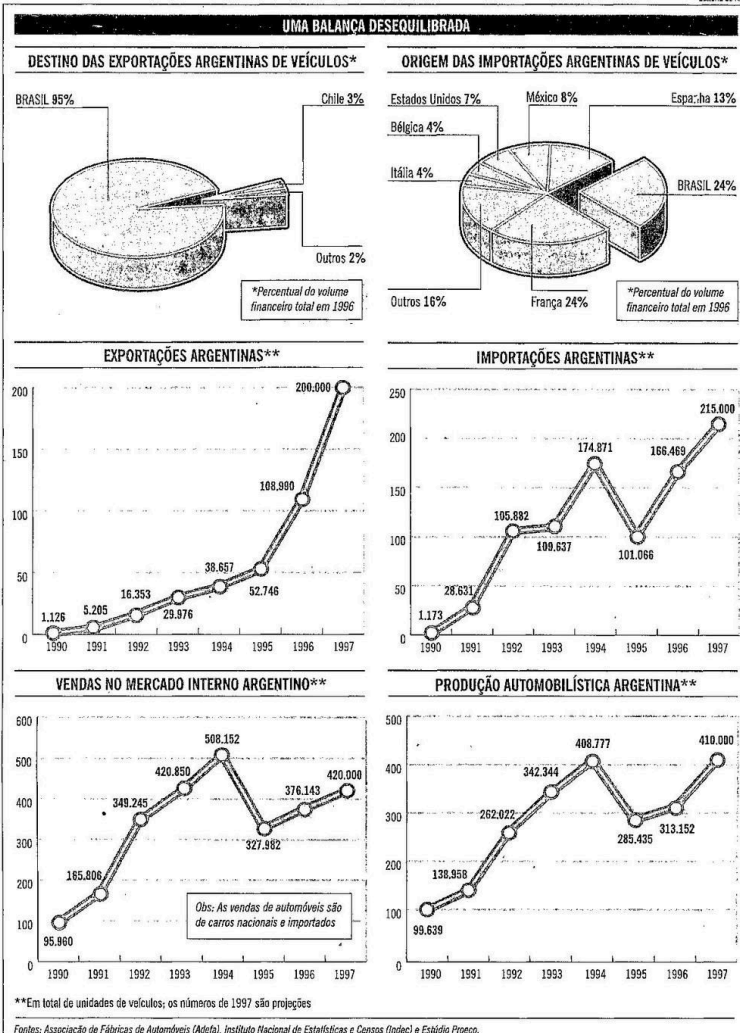
Para a economista Paola Bohorquez, da empresa de consultoria Estúdio Proeco, o bom desempenho da indústria automobilística na Argentina é consequência direta do dinamismo das exportações. As vendas externas, lembra, foram fundamentais para que as montadoras crescessem muito mais que os outros setores da economia no primeiro semestre: 43,2%, contra 7,8% do setor industrial como um todo.

— O tamanho do mercado brasileiro é fundamental para a ampliação de escala das empresas instaladas na Argentina. E a garantia de acesso ao Brasil tem atraído muitas indústrias para o país — explica a economista.

Dina utilizará autopeças brasileiras em caminhão "made in Argentina"

Um bom exemplo é o caso da Dina, fabricante mexicana de caminhões e ônibus, que inaugurou uma fábrica na Província de Buenos Aires, no mês passado. A empresa chegou a exportar para o Brasil algumas unidades produzidas no México, mas percebeu que, com um alíquota de importação de 35%, não conseguiria competir com as montadoras instaladas no Mercosul.

— Por isso, decidimos abrir uma fábrica na região e acabamos optando por instalar-nos na Argentina, por causa das facilidades oferecidas pelo Governo e pelas condições de transporte e de mão-de-obra — conta Gamaliel Garcia, executivo responsável pelas operações da Dina em toda a América Latina.



REGIME AUTOMOTIVO COMUM SAI ATÉ O FIM DE 1999

- O acordo automotivo entre Brasil e Argentina é provisório, entrou em vigor em janeiro de 1996 e valerá até 31 de dezembro de 1999. Até lá, as duas partes terão que negociar um regime comum para o Mercosul. As montadoras em atuação na Argentina já entregaram ao Governo sua proposta de modelo. Em linhas gerais, o documento tem quatro pontos principais:

- **LIBERDADE:** Intercâmbio livre de automóveis entre os dois principais sócios do Mercosul.

- **PROTEÇÃO:** Adoção de alíquota de 35% — o máximo permitido pela Organização Mundial do Comércio (OMC) — para as importações vindas de países fora da região. O objetivo dessa medida é proteger a indústria regional da competição com Europa, Japão e Estados Unidos.

- **NACIONALIZAÇÃO:** Fixação dos índices de nacionalização exigidos em, no máximo, 60%.

- **SUBSÍDIOS:** Fim dos subsídios oferecidos pelos governos para atrair montadoras. Essa medida tem como alvo direto os estados brasileiros, que entram numa guerra para conseguir que as indústrias se instalassem em seus territórios. As empresas argentinas se sentem prejudicadas, porque o Governo local já disse que não vai oferecer nenhum tipo de incentivo.

comércio de veículos entre os dois maiores sócios do Mercosul, com a entrada em atividade das novas fábricas de automóveis que estão sendo construídas no Brasil.

— Mesmo que isso ocorra, não haverá queda das exportações argentinas, já que uma das características do nosso processo de integração é a de complementação e especialização das empresas. Isso significa que uma montadora que tenha fábrica nos dois países produz modelos diferentes de cada lado da fronteira — explica Katz.

Exemplos de integração na produção de modelos e de autopeças

Há vários exemplos da política adotada pelas montadoras. A Fiat produz o Siena na Argentina e o Palio no Brasil; a Ford, o Escort na Argentina e o Fiesta e o Ka no Brasil; a Renault vai concentrar a produção do Mégane em sua fábrica argentina; a Volks faz modelos diferentes de Gol nos dois países.

Isso sem contar a troca de peças entre as fábricas e todos os acordos entre as indústrias de autopeças, que fazem do setor automobilístico um dos mais avançados dentro do processo de integração do Mercosul. — São tantos os investimentos e a complementação entre os dois mercados que já não dá para pensar a indústria automobilística de Brasil e Argentina sem o Mercosul — afirma Katz. ■

Garcia disse que a empresa também utilizará autopeças brasileiras na produção de seus veículos.

— Esperamos encontrar boa receptividade ao nosso produto na região, já que utilizamos tecnologia americana, mais avançada do que a de nossos concorrentes de origem europeia — afirma.

O objetivo da Dina, que faturou US\$ 1,2 bilhão em 97 e já possui fábricas no México, nos Estados Unidos e no Canadá, é produzir cerca de dez mil unidades por ano, abocanhando uma fatia de 5% a 10% do mercado da região em cin-

co anos. O investimento da empresa na Argentina será de US\$ 50 milhões e a expectativa é de que nada menos que 50% da produção sejam exportados, a maior parte para o Brasil.

Para Luis Fernando Katz, responsável pela área de Estudos Econômicos e Estatísticas da Adefa, o crescimento da indústria e o aumento das exportações se devem a duas razões principais: o amadurecimento dos investimentos feitos pelas empresas em 1995 e 1996 — como, por exemplo, a reestruturação de Ford e Volkswagen, os investimentos da Renault e as novas fábricas de Fiat,

Toyota e Chrysler — e o aumento da demanda no Brasil, com as fábricas trabalhando a quase 100% de sua capacidade.

A verdade é que a Argentina saiu na frente no processo de atração de novos investimentos no setor pelo fato de ter conseguido estabilizar sua economia antes do Brasil. Entre 1992 e 1994, por exemplo, o país viveu um boom de consumo de veículos, atendido, em grande parte, por importações vindas das fábricas brasileiras. A expectativa, no entanto, é de que a partir do ano que vem ou de 1999 haja um maior equilíbrio no



O RIO PRECISA É DEVER DO EMPRESÁRIO OBRIGAÇÃO DO ESTADO

Atualizando seus dados a Junta Comercial reconhece a sua empresa.

O prazo vai até 28 de novembro.

A Junta Comercial está promovendo o recadastramento de todas as empresas do nosso estado. Precisamos saber quem está em atividade e quem já deixou de existir. Uma iniciativa que visa oferecer o melhor serviço, de forma mais rápida, ao empresário e ao contabilista. Procure seu contador; ele é o principal agente desse processo. Toda empresa recadastrada receberá o seu certificado e, os seus sócios administradores, a carteira de empresário, documento oficial de identificação do empresário Iluminense. Para maiores informações: 0800-245492 e 0800-782020.

